

A ASCENSÃO DE JESUS EM ATOS 1:11

UMA RESPOSTA A GARY DEMAR



revista cristã
última chamada

JASON L. BRADFIELD

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



WWW.
revistacrista
.org

A Ascensão de Jesus em Atos 1:11

Uma Resposta a Gary DeMar

Jason Bradfield

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Ascensão de Jesus em Atos 1:11

Uma Resposta a Gary DeMar

Autor: Jason Bradfield

Título original: Gary DeMar and Acts 1:11: The Art of Not Dealing With the Text

Site: <https://www.reformation.blog/>

Acessado dia 23/05/2026

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da Internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

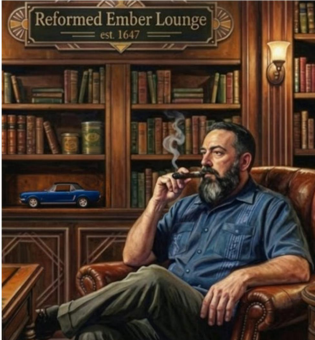
Porto Belo – Santa Catarina

Maio de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	08
Gary DeMar e Atos 1:11:	
A Arte de Não Lidar com o Texto	11
O que DeMar realmente argumenta	12
Essa é a questão. E esse é o problema.	14
O que o texto realmente diz	17
O argumento do Honrável Tropon	20
A esperança de Israel e das nações	24
Atos 1:9-11 não aparece em nenhum lugar da obra.	25
Conclusão	28
Você ignora esse texto porque não tem resposta para ele.	28
Notas	30
Obras importantes para pesquisa...	32

Sobre o Autor



Jason L Bradfield é pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana Reformada de Cristo | Presidente Interino: Seminário e Faculdade Teológica de Whitefield.

Administra o site <https://www.reformation.blog/>

Apresentação

O debate escatológico em torno da Segunda Vinda de Cristo continua sendo um dos temas mais importantes e intensos da teologia cristã contemporânea. Entre os diversos pontos de discussão, Atos 1:9-11 ocupa um lugar central, pois registra as palavras dos anjos aos discípulos logo após a Ascensão de Jesus: “Este Jesus... virá do modo como o vistes subir”. Durante séculos, a Igreja compreendeu esse texto como uma declaração clara do retorno visível, corporal e glorioso de Cristo. No entanto, interpretações mais recentes têm buscado redefinir o significado dessa passagem à luz de sistemas escatológicos alternativos.

Neste e-book, Jason L. Bradfield oferece uma análise detalhada da interpretação proposta por Gary DeMar, especialmente sua tentativa de reinterpretar Atos 1:11 dentro da estrutura hiperpreterista. O autor não apenas responde aos argumentos de DeMar, mas também expõe cuidadosamente a forma como o texto bíblico é tratado, mostrando que muitas vezes a discussão é desviada para outras passagens sem que Atos 1:9-11 seja realmente enfrentado em seus próprios termos.

A força desta obra está em sua atenção minuciosa ao texto bíblico. Bradfield conduz o leitor pelos verbos gregos utilizados por Lucas, destacando a ênfase contínua na visibilidade, corporalidade e espacialidade da Ascensão de Cristo. Em vez de construir conclusões a partir de pressupostos externos ao texto, o autor insiste que a passagem deve falar por si mesma. O resultado é uma defesa sólida da interpretação histórica sustentada pela Igreja ao longo dos séculos.

Outro aspecto marcante deste trabalho é a honestidade pessoal do autor. Bradfield admite que, em seu passado, utilizou exatamente o mesmo método argumentativo que agora critica. Essa confissão torna sua análise ainda mais significativa, pois revela alguém que conhece por dentro a estratégia de evitar o enfrentamento direto do texto bíblico. Assim, esta obra não é apenas uma refutação teológica, mas também um testemunho intelectual de revisão e reconsideração exegética.

Como tradutor desta obra para o público brasileiro, eu, César Francisco Raymundo, considero este trabalho de extrema importância para a defesa da Fé Cristã histórica. Há muitos anos tenho combatido aquilo que é conhecido como Preterismo Completo, também chamado por diferentes nomes, como Escatologia Plena, Escatologia Realizada, Hiperpreterismo, Preterismo Total, Preterismo Radical e outras variações semelhantes. Embora frequentemente apresentado com nova linguagem e terminologias sofisticadas, esse sistema continua negando verdades fundamentais da esperança cristã histórica, especialmente a respeito da Segunda Vinda visível e corporal de Cristo.

Ao longo dos anos, tenho me dedicado intensamente a alertar leitores, estudantes da Bíblia e cristãos em geral sobre os perigos dessa doutrina. Meu objetivo sempre foi privilegiar e abençoar os leitores brasileiros com materiais sérios, bíblicos e profundamente comprometidos com a verdade das Escrituras Sagradas. A tradução deste e-book faz parte desse esforço contínuo de oferecer conteúdo relevante, acessível e fiel ao texto bíblico, para que o povo de Deus possa examinar todas as coisas à luz da Palavra.

O leitor encontrará aqui interações importantes com estudiosos como Keith A. Mathison, além de discussões envolvendo conceitos como hermenêutica da aliança, Hiperpreterismo e a natureza da

parousia (Vinda) de Cristo. Contudo, o foco principal permanece em uma pergunta simples e decisiva: o que Atos 1:9-11 realmente diz?

Em uma época em que muitos debates acabam obscurecidos por sistemas teológicos complexos, este e-book convida o leitor a retornar ao próprio texto das Escrituras. Com argumentação firme, análise gramatical cuidadosa e profundo respeito pela autoridade bíblica, Jason L. Bradfield apresenta uma defesa vigorosa da esperança histórica da Igreja: que “este mesmo Jesus” retornará visivelmente, corporalmente e em glória.

Que esta leitura incentive o exame atento das Escrituras e fortaleça a confiança do leitor na clareza e suficiência da Palavra de Deus.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor Revista Cristã Última Chamada

Gary DeMar e Atos 1:11: A Arte de Não Lidar com o Texto

Há anos, Gary DeMar vem fazendo a mesma pergunta a seus oponentes teológicos:

“Dê-me o versículo que comprova de forma irrefutável a Segunda Vinda tradicional”.

Quando Toby Sumter respondeu com Atos 1:11 durante uma participação no Cross Politic em 2025, DeMar estava preparado. Ele tinha anotações. Tinha uma teoria sobre a expressão grega *hon tropon*. O que ele não tinha, no entanto, era uma exegese de Atos 1:9-11.

Em um podcast recente, DeMar apresentou seus argumentos contra Atos 1:11 como prova textual do futuro retorno visível e corporal de Cristo. Vale a pena ouvir o episódio com atenção, não pelo que DeMar diz sobre a passagem, mas pelo que ele omite. Porque, ao removermos a estrutura retórica, descobrimos que DeMar dedica a maior parte do seu tempo a textos que não são Atos 1:9-11 e, quase como um acréscimo tardio, oferece um breve argumento sobre a expressão grega *hon tropon* que não resiste a uma análise mais rigorosa. O restante é mera suposição disfarçada de exegese.

O que DeMar realmente argumenta

Vou resumir o podcast do DeMar da forma mais imparcial possível. O argumento dele se desenvolve em três etapas, aproximadamente.

A primeira etapa consiste em uma análise de passagens que muitos preteristas (ortodoxos e hereges) já atribuem ao ano 70 d.C.: Mateus 10:23, Mateus 16:27-28, Mateus 24:30, Mateus 26:64 e outras. DeMar examina cada texto, observando que “muitos comentaristas” acreditam que eles se referem à destruição de Jerusalém. Ele menciona R. T. France, Peter Leihart, Ken Gentry e outros. Esta seção ocupa a maior parte do podcast.

A segunda etapa é o ponto de virada. Tendo estabelecido (a seu contento) que todas essas passagens sobre a “vinda” se referem ao ano 70 d.C., DeMar se volta para Atos 1:11 e argumenta essencialmente: já que todos os outros textos sobre a “vinda” que examinamos se referem ao ano 70 d.C., por que Atos 1:11 seria diferente? Os anjos mencionam nuvens e localização, assim como em Mateus 24. Portanto, Atos 1:11 descreve o mesmo evento.

A terceira etapa é seu único envolvimento real com o próprio texto: uma discussão sobre a expressão grega *hon tropon* (“da mesma forma” ou “de maneira semelhante”). DeMar observa que essa expressão aparece em outras passagens do Novo Testamento (Mateus 23:37, Atos 7:28, 2 Timóteo 3:8) e é traduzida simplesmente como “como” nesses trechos, e não “exatamente da mesma maneira”. A partir disso,

ele conclui que as traduções de Atos 1:11 são tendenciosas, que *hōn tropōn* não exige, de fato, uma correspondência precisa entre a Ascensão e o Retorno, e, portanto, Atos 1:11 “não é a prova irrefutável” que as pessoas pensam ser.

Essa é a questão. E esse é o problema.

Keith Mathison, em seu artigo minucioso “Atos 1:9-11 e o Debate sobre o Hiperpreterismo”, apresenta uma crítica devastadora exatamente contra esse tipo de argumentação. Ao escrever sobre o autor hiperpreterista William H. Bell Jr., Mathison observa:

“Infelizmente, Bell não oferece nenhuma exegese de Atos 1:9-11. O argumento apresentado no ensaio se resume ao seguinte: outras referências bíblicas à Parousia de Cristo indicam que ela certamente ocorreria no primeiro século. Atos 1:11 se refere ao mesmo evento mencionado nessas outras passagens. Portanto, a vinda de Cristo predita em Atos 1:11 também deve ter se cumprido no primeiro século. A maior parte do artigo é dedicada à discussão de textos que não sejam Atos 1:9-11”.¹

Leia isso novamente e depois ouça o podcast de DeMar mais uma vez. O paralelo estrutural é quase assustador. DeMar dedica a maior parte do seu tempo a Mateus 10:23, 16:27-28, 24:30 e 26:64, e depois passa para Atos 1:11, partindo do pressuposto de que, como essas passagens apontam para o ano 70 d.C., esta também deve apontar. Seu envolvimento real com a gramática, a sintaxe e o contexto de Atos 1:9-11 é notavelmente superficial. Mathison identifica a falha fatal nesse método:

“O problema com esse argumento é que apenas aqueles que já estão convencidos da verdade de suas duas premissas (ou seja, outros hiperpreteristas) aceitarão a conclusão do seu argumento.”²

O mesmo se aplica a DeMar. Se Atos 1:11 é o próprio texto em disputa, você não pode resolver seu significado apelando para suas conclusões sobre outros textos. Isso é raciocínio circular. Você precisa lidar com o que este texto diz.

Posso falar sobre isso com alguma autoridade pessoal, pois já utilizei essa mesma estratégia, e o fiz conscientemente. Houve uma ocasião em que eu estava diante de uma plateia em uma conferência hiperpreterista em Connecticut e proferi uma palestra de 45 minutos sobre Atos 1:11. Passei aproximadamente 98% do meu tempo falando sobre outros textos, passagens que meu público já havia afirmado como cumpridas no ano 70 d.C. Conduzi-os através do Discurso do Monte das Oliveiras, dos textos temporais, da linguagem da “vinda do Filho do Homem” espalhada pelos Evangelhos. Criei um ritmo constante. Empilhei passagem sobre passagem. E então, no final, voltei-me para Atos 1:11 e disse, em essência:

“Considerando tudo o que acabamos de ver, por que este texto seria diferente?”

Funcionou. O público foi convencido. Mas eu sabia, mesmo enquanto fazia isso, que não havia de fato interpretado Atos 1:11. Não havia abordado os verbos de visão. Não havia considerado a linguagem espacial. Não havia confrontado a força da declaração angelical em seu próprio contexto. Eu havia cercado o texto com outros textos e esperado que o peso cumulativo fizesse o que minha exegese não conseguia. Sei por que fiz isso: porque não tinha uma resposta satisfatória para o que Atos 1:11 realmente diz quando deixado falar por si só. E vejo a mesma dinâmica em ação no podcast de DeMar. A estrutura é idêntica. A proporção de “outras passagens” para “exegese propriamente dita do texto em questão” é a mesma.

Construa o argumento em todos os outros lugares e, em seguida, importe a conclusão para a única passagem que resiste a ele. Isso não é exegese. É desvio de atenção.

O que o texto realmente diz

Se DeMar não quiser fazer a exegese de Atos 1:9-11, façamos isso por ele, baseando-nos no trabalho cuidadoso de Keith Mathison.

“E, tendo dito isso, enquanto eles olhavam, foi elevado às alturas, e uma nuvem o encobriu, ocultando-o da vista deles. E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles apareceram dois homens vestidos de branco, os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Este Jesus, que dentre vós foi elevado ao céu, há de vir assim como para o céu o vistes subir”.

- Atos 1:9-11

Observe o que Lucas está fazendo. Ele está acumulando verbos de visão literal e física, bem como de movimento espacial, de uma forma que não pode ser mera coincidência.

Lucas conecta o relato da Ascensão à conversa precedente com dois participios: o aoristo *eipōn* (“depois que ele disse”) e o presente *blepontōn* (“enquanto eles olhavam”). Como Mathison observa, citando C. K. Barrett, “O contraste entre o aoristo e o participio presente é intencional e significativo. Jesus já disse tudo o que tinha a dizer aos seus discípulos. Os discípulos, porém, ainda o observam e, portanto, podem atestar Sua Ascensão ao céu”.³ A palavra *blepontōn* é uma forma do verbo *blepō*, que significa “ver” ou “olhar”. Alguns

(Randall Otto, principalmente) argumentaram que *blepō* é usado aqui “abstratamente”, sem objeto direto, de modo que não podemos dizer que os discípulos estavam realmente olhando para Jesus. Mathison refuta esse argumento observando que o contexto imediato fornece o objeto: todo o evento da Ascensão, incluindo Jesus sendo elevado, é o que os discípulos observaram. A construção genitiva absoluta (*blepontōn autōn*) “especifica claramente quem viu o que aconteceu”.⁴

O verbo *epertē* (“ele foi erguido”) é o aoristo passivo de *epairo*, denotando um movimento corporal, espacial e ascendente. Alguns hiperpreteristas tentaram argumentar que a forma passiva dessa palavra se refere apenas a uma exaltação em “honra e dignidade”, e não a uma elevação física. Mathison aponta que essa afirmação se baseia em um único paralelo (1^a Clemente 45:8), ignorando o contexto imediato, que descreve um evento espacial visível testemunhado pelos apóstolos.⁵ A nuvem “o tirou da vista deles”. O verbo *hypelaben* (de *hypolambanō*) significa “levantar”, não “esconder” ou “velar”.⁶ Como Mathison insiste, o texto não diz que a nuvem escondeu Jesus desde o momento em que apareceu; diz que a nuvem o tirou da vista deles em algum momento durante a Ascensão. Os apóstolos observaram Jesus ascender até que a nuvem o removeu de seu campo visual.

No versículo 10, o verbo *atenizontes* (de *atenizō*) significa “olhar atentamente” ou “encarar fixamente”. Como observa Mathison, “em cada uso no Novo Testamento (todos, exceto dois, ocorrem nos escritos de Lucas), *atenizō* parece enfatizar a intensidade do olhar”.⁷ Os apóstolos não estão olhando passivamente para o céu. Eles estão encarando com intensidade fixa porque estão observando algo acontecer. A palavra *poreuomenou* (de *poreuomai*, “ir, prosseguir, viajar”) descreve a partida de Jesus enquanto acontecia. É, como observa Mathison, “normalmente usada no sentido literal de ir, prosseguir ou viajar. Não é usada para se referir à exaltação em honra, estatura ou dignidade”.⁸

Então, no versículo 11, os anjos perguntam: “Por que vocês estão olhando (*blepontes*, de *blepō*) para o céu?” antes de proferirem sua declaração. Mathison destaca vários aspectos cruciais. As palavras *boutos ho Iēsous* (“Este Jesus”) enfatizam a continuidade e a identidade: é este Jesus, aquele que esteve fisicamente presente com eles, que virá.⁹ A palavra *analēmphtheis* (“aquele que foi elevado”) é uma forma de *analambanō*, que significa “levar”, e não é uma palavra usada no Novo Testamento para se referir à exaltação em honra ou dignidade; ela descreve movimento espacial.¹⁰ A palavra *eleusetai* (“virá”) é o futuro do indicativo de *erchomai*, usado aqui em oposição a uma forma de *poreuomai* (“ir”). Quando *erchomai* é emparelhado com *poreuomai*, como observa Mathison, “a probabilidade de ser um sinônimo virtual é ainda menor (por exemplo, Mateus 8:9; João 14:3; 16:7-8)”.¹¹

De forma crucial, o verbo *etheasasthe* (“vocês viram”) é o aoristo indicativo de *theaomai*. Este verbo, como observa Mathison, “normalmente é usado para indicar visão literal” no Novo Testamento.¹² Os dois anjos dizem explicitamente aos apóstolos: vocês o viram subir ao céu. Não “vocês perceberam a sua exaltação”. Não “vocês compreenderam a sua glorificação”. Vocês o viram subir.

Lucas usa *blepō* duas vezes ao longo da passagem (versos 9, 11), acrescenta *atenizō* para intensificar o olhar (verso 10) e reserva *theaomai* para a declaração culminante dos anjos (verso 11), tudo isso acompanhado de múltiplos verbos de movimento espacial físico (*epairō*, *poreuomai*, *analambanō*, *hypolambanō*). Toda a perícope é uma avalanche de visibilidade e fisicalidade. E a declaração angelical, com seu *hon tropon*, surge ao final dessa avalanche como a conclusão interpretativa: o retorno corresponderá à partida.

DeMar não se envolve com nada disso. Nem com os verbos da visão. Nem com a linguagem espacial. Nem com a força do *theaomai*. Apenas com as duas palavras *hon tropon*, despojadas de tudo ao seu redor.

O argumento do Honorable Tropon

Toda a argumentação textual de DeMar se baseia na afirmação de que *hon tropon* deve ser traduzido livremente como “como” em vez de “da mesma forma” ou “de maneira semelhante”. Mesmo admitindo, para fins de argumentação, que a expressão em si carregue uma gama de significados possíveis, isso não ajuda o argumento de DeMar. Como Mathison aponta, a questão não é o que *hon tropon* pode significar isoladamente. A questão é o que significa neste contexto.

A tradução não é um processo mecânico de atribuir uma única palavra em inglês a cada ocorrência de uma expressão grega. O contexto determina como uma palavra ou expressão é traduzida. Em todas as outras ocorrências de *hon tropon* no Novo Testamento, o contexto determina o sentido preciso. Em Mateus 23:37, significa “como” uma galinha reúne seus pintinhos. Em Atos 7:28, significa “como” Moisés matou o egípcio. Em 2ª Timóteo 3:8, significa “como” Janes e Jambres se opuseram a Moisés. A expressão é flexível, mas, em cada caso, o contexto circundante fornece o referente. Em Atos 1:11, o referente é uma partida visível, corporal e espacial. É isso que os verbos de visão e os verbos de movimento espacial espalhados pelos três versículos descrevem, culminando no próprio uso de *blepō* e *theaomai* pelos anjos ao formularem sua declaração.

DeMar também nunca aborda a presença de *boutōs* (“assim”, “desta maneira”) neste versículo. Ele trata *hon tropon* isoladamente, como se sozinho carregasse todo o peso da comparação. Mas em Atos 1:11, *boutōs* e *hon tropon* funcionam juntos: “virá assim (*boutōs*)... da maneira como (*hon tropon*) vocês o viram ir”. Como Mathison explica, “A construção *hon tropon* é uma frase adverbial composta correspondente a *boutōs*. Significa 'da mesma maneira que' ou 'exatamente como'. O uso de *boutōs* junto com *hon tropon* serve para enfatizar o ponto de que Jesus virá da mesma maneira como partiu”.¹³ Essa combinação *boutōs... hon tropon* cria uma dupla ênfase na correspondência entre a maneira de partida e a maneira de retorno. Essa combinação não aparece em Mateus 23:37, Atos 7:28 ou 2ª Timóteo 3:8. As referências cruzadas de DeMar, portanto, não são tão paralelas quanto ele supõe.

Além disso, a frase não termina com *hon tropon*. Os anjos dizem: “virá exatamente da mesma maneira (*hon tropon*) como vocês o viram (*etheasasthe*) indo (*poreuomenon*) para o céu”. O verbo *theaomai*, como observado, enfatiza a observação física, a de testemunhas oculares.¹⁴ Os anjos poderiam ter dito “como Ele foi” ou “como Ele partiu”. Em vez disso, disseram “como vocês o viram ir”, ancorando deliberadamente a comparação na experiência visual e física das testemunhas oculares.

O próprio Mathison admite que não é necessário forçar a expressão a significar identidade exata:

“Com base na forma como essas palavras são usadas em outras partes do Novo Testamento, não é necessário forçar a expressão *hon tropon* a significar 'exatamente igual em todos os detalhes'. Ninguém afirma, por exemplo, que a Vinda de Cristo deva também envolver sua Ascensão corporal”.

Justo. Mas Mathison acrescenta imediatamente a ressalva crucial:

“Em resposta a Noe e outros, no entanto, é preciso insistir que, seja qual for o significado de 'da mesma maneira', não significa de uma maneira completamente diferente”.¹⁵

Mesmo que *hon tropon* não exija replicação fotográfica, ainda assim vincula a maneira do Retorno de Cristo à maneira de sua partida. E a maneira de sua partida é descrita, repetidas vezes, em termos de visibilidade e presença corporal. Mathison resume isso de forma contundente:

“A ênfase principal ao longo desses versículos recai sobre a maneira visível como ocorreu a Ascensão. A Ascensão de Jesus aconteceu "enquanto eles olhavam" (verso 9). Quando Jesus partiu, eles o observavam atentamente (verso 10). Os dois homens vestidos de branco perguntam aos apóstolos por que estão ali parados “olhando para o céu” (verso 11). E afirma-se explicitamente que os apóstolos “o viram subir ao céu” (verso 11). Lucas pouco mais poderia ter dito para descrever um evento que era objetivamente visível .

O argumento de DeMar sobre *hon tropon* não o ajuda, porque mesmo em seus próprios termos, o texto ainda descreve uma partida visível e corporal, e os anjos ainda dizem que o Retorno corresponderá a essa partida.

Há uma ironia adicional na análise de DeMar. Ele aponta que Jesus não reúne Seu povo “da mesma forma” que uma galinha reúne seus pintinhos (Mateus 23:37), e que o homem em Atos 7:28 não precisava saber se Moisés usaria “uma vara ou um punhal”. Justo. Mas em ambas as passagens, a comparação ainda tem um significado substancial. Em Mateus 23:37, a comparação comunica genuinamente o impulso protetor e de reunião de Jesus. Em Atos 7:28, a comparação comunica genuinamente o medo de que Moisés matasse novamente. Se aplicarmos a lógica de DeMar de forma consistente e dissermos que *hon tropon* em Atos 1:11 comunica meramente “algo parecido com isso, mas não exatamente”, então o que a comparação

realmente comunica? Se a maneira do Retorno de Cristo não tem nenhuma semelhança significativa com a maneira de Sua partida, por que os anjos mencionaram a partida? Por que fizeram a comparação? O argumento de DeMar, se insistido, esvazia as palavras dos anjos de qualquer conteúdo substancial.

Além da questão do *hon tropon*, há aspectos importantíssimos do texto que o podcast de DeMar jamais aborda. Ele nunca discute o verbo *atenizō* e sua ênfase na observação visual intensa, o verbo *theaomai* e seu uso consistente para a visão literal, o verbo *analambanō* e o fato de se referir ao movimento espacial em vez da exaltação de dignitários, a interação entre *erchomai* e *poreuomai* que reforça que *erchomai* significa “vir” em vez de “prosseguir”, a combinação reforçadora de *houtōs* com *hon tropon*, o significado do genitivo absoluto *blepontōn autōn* no versículo 9, ou o fato de Lucas usar um vocabulário completamente diferente quando quer descrever o desaparecimento de Jesus (*aphantos egeneto*, Lucas 24:31), sugerindo que Atos 1:9-11 descreve algo fundamentalmente diferente de um desaparecimento.¹⁷ Gary DeMar não é um pensador descuidado. Ele é um estudioso das Escrituras com décadas de experiência em debates escatológicos. Isso torna sua abordagem de Atos 1:11 ainda mais reveladora. O motivo pelo qual ele não se detém no texto não é por desconhecimento dos detalhes, mas sim porque esses detalhes não corroboram seu argumento.

A esperança de Israel e das nações

Em 2023 e 2024, DeMar e Kim Burgess publicaram *A Esperança de Israel e das Nações: Escatologia do Novo Testamento Consumada e Aplicada*, em dois volumes abrangendo 24 episódios.¹⁸ Trata-se de seu abrangente estudo sobre a escatologia do Novo Testamento, fundamentado no que denominam uma “Hermenêutica da Aliança” que rege a transição da Antiga Aliança para a Nova. O projeto abrange Romanos 8, 1ª Coríntios 15, 2ª Coríntios 3-5, Gálatas 3-4, Filipenses 3, Hebreus (extensivamente), 1ª e 2ª Pedro, 1ª João, Apocalipse e grandes porções de Atos. Discute em detalhes os conceitos de *parousia*, *epifania* e *apokalupsis*. Trata de Hebreus 9:28, 2ª Tessalonicenses 2:8, todas as sete cartas às igrejas em Apocalipse 2-3 e as declarações de Paulo no tribunal em Atos 23, 24, 26 e 28.

Atos 1:9-11 não aparece em nenhum lugar da obra.

Considerando os argumentos dos autores, é fácil entender o porquê. A tese central dos dois volumes é que a transição da Antiga Aliança para a Nova Aliança é uma transição da “carne” para o “Espírito”, do visível e material para o invisível e interno. A Hermenêutica da Aliança, como eles a apresentam, exige que cada elemento da realidade escatológica da Nova Aliança, incluindo a *parousia* de Cristo, seja compreendido como uma realidade espiritual mediada pelo Espírito Santo, e não como um evento físico visível. No episódio 23, “*Um Reino e Presença Espiritual*”, Burgess explicita esse ponto:

“Com todo o respeito, creio que a Igreja institucional cometeu um grave erro ao ensinar que a *parousia* de Cristo ocorrerá em Sua mesma forma física/material, visível e corporal... A natureza da ordem da Nova Aliança é no Espírito, por meio do Espírito e através do Espírito. Portanto, a forma ou maneira da *parousia* (presença) de Cristo mudará com a transição das ordens da aliança. Cristo virá, assim como Ele teve o cuidado de ensinar aos Seus discípulos em João 14 e 16, na pessoa do Espírito Santo, e não novamente na carne”.¹⁹

Esta é a tese para a qual todo o projeto em dois volumes se encaminha: a “forma ou maneira” da presença de Cristo muda da carne para o Espírito. Mas Atos 1:11, com sua declaração angelical de

que Jesus retornará “exatamente da mesma maneira” (*hon tropon*) como os discípulos o viram (*etheasasthe*) partir, ancora a forma ou maneira do Retorno à forma ou maneira da partida. A partida foi visível, corporal e espacial. O retorno, segundo o texto, será o mesmo. Uma hermenêutica que exige a espiritualização da *parousia* inevitavelmente terá dificuldade com um texto que vincula a *parousia* a um evento físico e visível por decreto angelical. A omissão em *A Esperança de Israel e das Nações* não é misteriosa. É previsível.

Para sermos justos, a “Hermenêutica da Aliança” desenvolvida por DeMar e Burgess não carece de fundamentos legítimos. Sua ênfase na transição dos tipos e sombras da Antiga Aliança para as realidades da Nova Aliança reflete uma teologia bíblica genuína. Nenhum teólogo reformado negaria que a ordem da Nova Aliança transcende as formas tipológicas da Antiga. A Nova Jerusalém não é a antiga Jerusalém. O templo da Nova Aliança não é o templo de Herodes. O trono davídico agora está nos lugares celestiais. Tudo verdade. Mas DeMar e Burgess pegam esses contrastes legítimos, extraídos principalmente de 1ª Coríntios 15 e 2ª Coríntios 3 (natural versus espiritual, terreno versus celestial, corruptível versus incorruptível, visível versus invisível, temporário versus eterno), e os universalizam em um princípio abrangente: tudo o que pertence à ordem da Nova Aliança deve, por definição, ser invisível, imaterial e puramente espiritual em sua forma. Não pode haver nenhum componente visível, corporal ou espacial em qualquer realidade escatológica da Nova Aliança, porque a visibilidade e a materialidade pertencem à ordem “terrena” da Antiga Aliança.

É aqui que a hermenêutica se torna infalsificável. Se “carne para Espírito” significa que toda categoria escatológica deve ser espiritualizada sem resquícios, então não há texto que possa, mesmo em princípio, estabelecer um Retorno visível e corporal. Qualquer texto desse tipo seria simplesmente reclassificado como pertencente à “hermenêutica da Antiga Aliança” e reprocessado pelo sistema. Mas Atos 1:11 é um texto do Novo Testamento, proferido após a

ressurreição, no momento da Ascensão, por seres angelicais, a testemunhas oculares apostólicas. Não pertence à *stoicheia* da Antiga Aliança. Não pode ser descartado como tipologia mosaica. Está no próprio limiar da Era da Nova Aliança e afirma, em linguagem clara e angelicamente autorizada, que a maneira da partida visível de Cristo define a maneira de Seu Retorno. Uma hermenêutica que não consegue explicar esse texto tem um problema. Um argumento que se recusa a abordar a questão em seus próprios termos, seja desviando o foco para outras passagens ou omitindo-a completamente, não inspira confiança de que o problema foi resolvido.

Conclusão

Novamente, DeMar não é um pensador descuidado. Ele sabe onde estão os pontos críticos da exegese. É precisamente isso que torna o padrão tão condenatório. Quando ele analisa Atos 1:11, isola *hōn tropōn* de seu contexto, ignora os verbos de visão e a linguagem espacial que definem a maneira da partida, e importa uma conclusão de outras passagens em vez de derivá-la do texto em questão. Quando ele e Burgess produzem sua obra mais abrangente sobre escatologia do Novo Testamento, 24 episódios distribuídos em dois volumes, omitem o texto completamente. Nem uma menção passageira. Nem uma nota de rodapé. Nada. Isso não é um descuido. Não se escreve quase 800 páginas sobre escatologia do Novo Testamento, dedica-se episódios inteiros a *epifania*, *apokalupsis* e *parousia*, argumenta-se explicitamente que a Igreja errou ao confessar um Retorno visível e, então, esquece-se acidentalmente da única passagem em que dois anjos, em pé em uma montanha, dizem às testemunhas oculares da ascensão exatamente como Cristo voltará.

Você ignora esse texto porque
não tem resposta para ele.

A Igreja confessa há dois milênios que “este mesmo Jesus” retornará visivelmente, corporalmente, em glória. Ela confessou isso não porque não compreendeu a transição da Antiga Aliança para a Nova, não porque estivesse presa a alguma hermenêutica “carnal”

que DeMar e Burgess finalmente superaram, mas porque o texto das Escrituras, incluindo Atos 1:11 com seus verbos de visão, sua linguagem espacial e sua declaração angelical de correspondência de modo, não lhe deu outra opção.

Essa confissão permanece válida. Conheço bem essa estratégia de evasão. Certa vez, a pratiquei de um púlpito. É a marca de um homem que sabe que a Bíblia não está do seu lado.

Notas

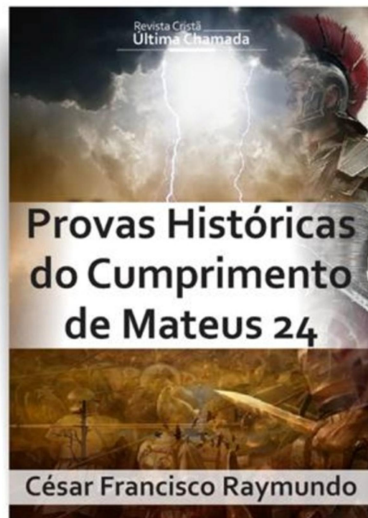
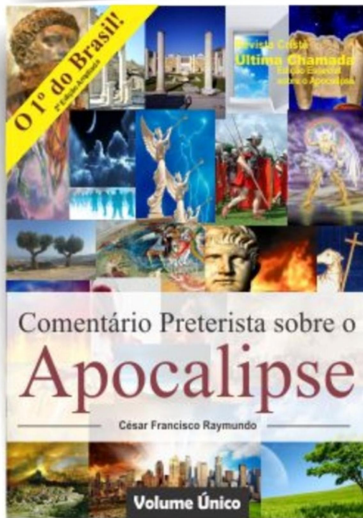
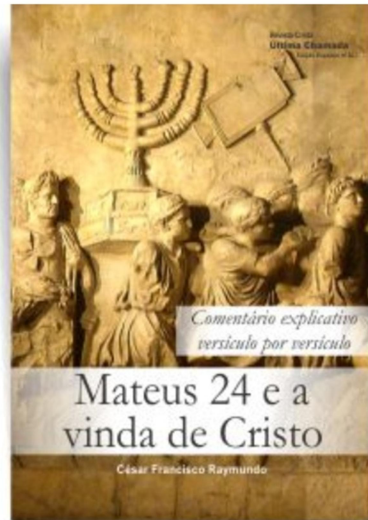
1. Keith A. Mathison, Atos 1:9-11 e o Debate sobre o Hiperpreterismo (Orlando: Ligonier Ministries, 2004), 17. Disponível em: https://hyperpreterism.com/wp-content/uploads/2022/12/Acts-1_9-11-and-the-Hyper-Preterism-Debate-by-Keith-A.-Mathison.pdf
2. Mathison, Atos 1:9-11 , 50.
3. Mathison, Atos 1:9-11 , 23. Mathison está citando CK Barrett, Um Comentário Crítico e Exegético sobre os Atos dos Apóstolos , Vol. 1, Comentário Crítico Internacional (Edimburgo: T&T Clark, 1994), 81.
4. Mathison, Atos 1:9-11 , 23-24.
5. Mathison, Atos 1:9-11 , 24-26.
6. Mathison, Atos 1:9-11 , 28, 36.
7. Mathison, Atos 1:9-11 , 30. Mathison está citando WL Liefeld, “atenizō”, Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento , ed. Colin Brown (Grand Rapids: Zondervan, 1986), III:520.
8. Mathison, Atos 1:9-11 , 31.

9. Mathison, Atos 1:9-11 , 33.
10. Mathison, Atos 1:9-11 , 33.
11. Mathison, Atos 1:9-11 , 34.
12. Mathison, Atos 1:9-11 , 36.
13. Mathison, Atos 1:9-11 , 35.
14. Mathison, Atos 1:9-11 , 36.
15. Mathison, Atos 1:9-11 , 36.
16. Mathison, Atos 1:9-11 , 37.
17. Mathison, Atos 1:9-11 , 27. Sobre o uso de aphantos egeneto por Lucas como vocabulário distinto para desaparecimento.
18. Kim Burgess com Gary DeMar, A Esperança de Israel e das Nações: Escatologia do Novo Testamento Concluída e Aplicada (Powder Springs, GA: American Vision, 2023).
19. Burgess com DeMar, Esperança de Israel , 2:414.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista cristã
última chamada

Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?